

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA UFSJ

The School Physical Education and the month of the black consciousness in the UFSJ
Pedagogical Residence Program

Priscilla Kelly Figueiredo

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa. Professora Associada da Universidade Federal de São João del-Rei.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9761-2359>

priscillakfigueiredo@ufsj.edu.br

João Pedro Resende Amorim

Graduado em Educação Física - Licenciatura

Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1362-044X>

joaopedro.resend@gmail.com

Mayra Claudiane de Carvalho Firmiano

Graduada em Educação Física - Licenciatura

Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0163-5155>

mayraclaudiane777@gmail.com

Nathalia Inêz de Moraes Silva

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de São João del-Rei. Docente na Rede Estadual de Educação de Minas Gerais e na Rede Municipal de Educação de São João del-Rei.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-6681>

nathalia.morais@educacao.mg.gov.br

Artigo recebido em jun/2026 e aceito em jul/2026

RESUMO

Este trabalho trata das experiências vivenciadas durante o Programa de Residência Pedagógica do curso de Educação Física destacando as intervenções realizadas com o Ensino Fundamental na Escola Estadual Professor Iago Pimentel em São João del-Rei. Nesse contexto, a partir da proposta coletiva da escola dos temas sobre o mês da Consciência Negra, foram construídas pesquisas para os planejamentos com temáticas como o combate ao racismo em todas as suas formas, utilização de jogos, brincadeiras e esportes que problematizassem questões socioculturais que cerceiam o cotidiano de todos. Parte dessa experiência relatada pôde discutir aprofundadamente a ancestralidade africana, suas diferentes culturas, tradições, jogos, brincadeiras, costumes e músicas, contrapondo-se aos estereótipos ainda reforçados contemporaneamente. As propostas metodológicas sobre “Os Jogos e Brincadeiras de Matriz Africana”, “As Relações Étnico-raciais e os Esportes” e os “Jogos de Tabuleiro Africanos”, representaram um desafio significativo e ao mesmo tempo enriquecedor na exploração dos aspectos culturais e do estímulo a diversidade, com reflexões sobre preconceito e racismo.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Programa Residência Pedagógica; Consciência Negra.

ABSTRACT

This paper reports the experiences during the Pedagogical Residency Program of the Physical Education course, highlighting the interventions carried out with Elementary Education at the Professor Iago Pimentel State School in São João del-Rei. In this context, based on the school's collective proposal for themes about Black Consciousness Month, research was created for planning with themes such as combating racism in all its forms, use of games, plays and sports that confront issues sociocultural factors that restrict everyone's daily lives. Part of this reported experience was able to discuss in depth African ancestry, its different cultures, traditions, games, customs and music, opposing the stereotypes still reinforced today. The methodological proposals on “African Games and Plays”, “Ethnic-racial Relations and Sports” and “African Board Games”, represented a significant challenge and at the same time enriching in the exploration of cultural aspects and encouraging diversity, with reflections on prejudice and racism.

Keywords: School Physical Education; Pedagogical Residency Program; Black Consciousness

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiências vivenciadas no decorrer do Programa de Residência Pedagógica (PRP) entre os anos de 2022 a 2024. Em 2023, os bolsistas do PRP adentraram em uma nova escola, com nova professora preceptora e, por consequência, diferentes olhares, percepções e reflexões da prática pedagógica em Educação Física escolar. A estratégia de rotatividade de instituições adotada pela coordenadora do PRP em Educação Física possibilitou que os residentes vivenciassem a constante (re)adaptação do docente do ensino básico em locais, níveis de ensino e gestões diversas.

Abrangendo os anos iniciais e finais do ensino fundamental, a escola escolhida se localiza em São João del-Rei em um bairro hostilizado por grande parte dos moradores do restante da cidade, erroneamente conhecido pela violência. Contradizendo rumores, vimos uma comunidade unida e progressivamente se formando através da cultura, ampliando os espaços da educação, da música, da dança e do esporte, como alguns exemplos de laços fortes criados comunitariamente. O recorte deste relato de experiência de intervenção docente foi realizado na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, onde atuamos com as turmas do Ensino Fundamental. A escola é bem equipada e estruturada com material diverso destinado para as aulas de Educação Física.

Buscando estabelecer um ensino que refletisse sobre os dados de realidade daqueles alunos e, que tivesse significado para eles, levamos em consideração a abrangência de faixas etárias variadas e as especificidades observadas em cada turma. Os planos de ensino foram confeccionados de forma individual no primeiro momento em que cada residente escolheu um tema coerente com as demandas pedagógicas e problemáticas sociais ali pertencentes.

O grupo, em conjunto com as professoras preceptora e a coordenadora do PRP, perceberam que

a estratégia de elaborar planos de ensino com um tema em comum seria mais proveitoso, levando em consideração a possibilidade de diálogo na organização das atividades e de um aprendizado coletivo mais significativo.

Neste sentido, a partir da proposta coletiva da escola dos temas sobre o mês da Consciência Negra, foi sugerido pela preceptora que aprofundássemos também esse debate nas aulas de Educação Física. Foram pesquisadas ao longo dos planejamentos, temáticas como o combate ao racismo em todas as suas formas, utilização de jogos, brincadeiras e esportes que colocassem em confronto questões socioculturais que cerceiam o cotidiano de todos, de forma direta e indireta. Para isso, foi proposto que a tematização partiria das origens dos povos negros no Brasil, além da importância de debatermos a nossa ancestralidade com o continente africano como um todo.

Passando por países diversos da África, suas diferentes culturas, tradições, jogos, brincadeiras, costumes e músicas, o continente deveria ser trabalhado de forma que contrapusesse os estereótipos que são reforçados constantemente, tais como o povo, a cultura, a fauna e flora, além de questões preconcebidas, que retratam os países como empobrecidos, insalubres e carentes de assistência global.

“É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade.”
(Gomes, 2002, p. 39)

Nesse relato serão apresentadas duas propostas de intervenção no Ensino Fundamental que apresentaram características distintas, mas que tiveram um eixo comum; a Semana da Educação para a Vida, instituída pela Lei Federal nº 11.988 de 2009, na qual incluem-se atividades e projetos de ensino que atendem ao disposto na Lei Nº 12.519, de 10 de novembro de 2011 ao Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro. A proposta feita pela escola abrange o trabalho e as reflexões coletivas que culminariam no Dia da Consciência Negra. Tais eventos, propostos para todo o mês de novembro de 2023 deram a tônica da escolha dos temas que atravessaram diversas práticas de matriz africana como lugar de diálogo no campo dos conteúdos da Educação Física. Os "Jogos e Brincadeiras de Matriz Africana", as “As relações étnico-raciais e os Esportes: dialogando com o atletismo” e os “Jogos de Tabuleiro Africanos” formaram um conjunto de aulas que implicou diálogos profundos e intensos sobre a consciência negra. Tais questões foram importantes pedagogicamente, não apenas por sua complexidade desafiadora e contemporânea, mas também pelo fato de ter possibilitado a integração de diversas áreas do conhecimento dentro da própria escola.

2. DAS PROPOSTAS METODOLÓGICAS

2.1. A proposta metodológica dos “Jogos e Brincadeiras de Matriz Africana”

Dentre as temáticas propostas, os "Jogos e Brincadeiras de Matriz Africana" corroboravam com a proposta dos Jogos Cooperativos, planejada anteriormente pela preceptora para o segundo ano do Ensino Fundamental I, que abrange os anos iniciais da educação básica. É válido salientar que a intenção primordial foi utilizar os jogos cooperativos como uma ferramenta para auxiliar no entendimento sobre cooperação, tanto dentro quanto fora da escola, buscando uma possível progressão dos alunos nesse aspecto.

[...] os Jogos Cooperativos são propostas que buscam diminuir a agressividade nos jogos e na própria vida, promovendo em quem joga atitudes positivas, tais como: cooperação, solidariedade, amizade e comunicação. Ocorre a cooperação, a aceitação, o envolvimento e a diversão. O principal objetivo é o de superar os desafios em conjunto, compartilhando as conquistas e as dificuldades, unindo os participantes pouco se preocupando com os fracassos ou com o sucesso, pois o mais importante é a confiança mútua e todos podem participar autenticamente. Ganhar e perder são apenas, referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo (Soler, 2006, p. 116).

O foco não foi empregar uma abordagem para "modificar" o comportamento dos estudantes, uma vez que tal propósito envolve diversas complexidades que demandariam um trabalho mais abrangente, muitas vezes ultrapassando os limites da nossa influência como professores. Como referências para o planejamento foram trabalhadas a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG, 2024), as contribuições de Soler (2003, 2008), João Batista Freire (2011), Brotto (2001) e Brown (1995). Durante as aulas, foram propostos jogos cooperativos que contemplavam dinâmicas com perdedor, sem perdedor e de inversão, visando oferecer experiências diversas aos alunos sobre este conteúdo, que para além do divertimento próprio dado pela prática, proporcionando o aprendizado com ênfase nas relações colaborativas.

Na reunião dos residentes com a preceptora, foi sugerido o tema “Práticas Corporais de Matriz Africana e Afro-brasileiras”, em virtude da "Semana da Educação para a Vida" e do Dia da "Consciência Negra". Parte do grupo de residentes hesitou em trabalhar com a temática devido à falta de familiaridade com o assunto, especialmente perante o desafio de uma abordagem lúdica e cooperativa para os alunos. Durante o planejamento, constatou-se que, apesar do crescente destaque dado à “Educação para as Relações Étnico-Raciais” nas políticas públicas, documentos orientadores, currículos e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda existem lacunas e fragilidades em sua aplicabilidade nas escolas, onde as informações muitas vezes são limitadas ao "senso comum". Diante disso, optamos por uma abordagem que desafiasse tanto residentes quanto os alunos, proporcionando uma vivência mais rica da cultura africana. Assim, surgiu a ideia de trabalhar com "Jogos e Brincadeiras de Matriz Africana".

Seguindo as contribuições de Brougère (1998) e Luckesi (2002), compreende-se o jogar/brincar como uma experiência subjetiva enraizada em repertórios sociais e culturais. Nessa perspectiva teórica, o lúdico não ocorre isoladamente; ele demanda conteúdos, recursos e contextos que facilitem seu aprendizado, manifestação e vivência. Ao discutir a ludicidade africana e afro-brasileira, o foco está na experiência lúdica enriquecida pelos conteúdos, valores e histórias da cultura negra em suas diversas manifestações.

O plano de ensino foi elaborado com a opção por aulas teórico-práticas, nas quais foram envolvidas diversas estratégias didáticas, como construção de jogos e rodas de conversa, e enriquecidas por materiais e recursos, como os audiovisuais, com o objetivo de aproximá-los e instigá-los à produção de novos conhecimentos sobre a cultura africana.

Na primeira aula, o objetivo era ambientá-los e contextualizar o novo conteúdo. Para tal, foram apresentadas imagens que retratavam aspectos culturais do continente africano, como danças, brincadeiras, comida, instrumentos, lutas e vestimentas. Ao entregá-las aos alunos, percebemos certo desconforto de alguns ao expressarem o desejo de trocar as imagens, alegando que eram imagens feias. Diante dessa reação, buscamos promover uma reflexão sobre o conteúdo, incentivando sugestões sobre a origem das pessoas nas imagens. As respostas foram variadas, até que um aluno mencionou corretamente a África como uma região do mundo. Ao questionar por que o aluno pensava assim, percebemos a hesitação, indicando uma possível influência de estereótipos sobre a África, tais como crianças com fome, doenças, pobreza. Em seguida, construiu-se uma roda de conversa com uma série de questões geradoras, direcionando ao conhecimento prévio dos alunos sobre a África. Uma das questões era de cunho geográfico, “A África é um país ou um continente?”.

Foi possível constatar que os alunos tinham, em sua maior parte, a ideia de que a África é apenas um país, e suas concepções eram de que a África seria um lugar onde todos passam fome e sede. Dessa forma, foi necessário abordarmos a diferença entre continente e país, utilizando o globo terrestre para ilustrar. Posteriormente, a aula foi continuada no espaço externo, na quadra, onde realizamos a brincadeira “Terra-Mar”. Essa brincadeira é originária de Moçambique, país situado na África Oriental. Para a sua prática, deve-se fazer um risco no chão, determinando um lado como “terra” e o outro como “mar”. Uma pessoa deve ser escolhida para indicar os comandos, “terra” ou “mar”. Dado o comando os participantes devem pular para o lado “terra” ou para o lado “mar”. Os comandos podem ser dados de forma alternada, e com a inclusão de variações que por conseguinte contribuem para o desenvolvimento da atenção e da concentração. Nessa brincadeira todo o grupo participou junto com empolgação, sob os comandos da professora residente e dos próprios alunos.

Na aula seguinte, foi introduzida a brincadeira "Mamba" da África do Sul, associada ao pique corrente, com variações em espaços limitados e abertos. A prática da brincadeira "Mamba" ocorreu de acordo com a seguinte proposta; com as orientações de

"Marque e estabeleça um campo para o jogo como, por exemplo, a metade de uma grande quadra. Todos devem permanecer dentro dos limites do campo. Escolha um jogador para ser a mamba (cobra). A cobra deve correr ao redor da área marcada e tentar apanhar os outros. Quando um jogador é pego, ele segura sobre os ombros ou a cintura do jogador que representa a cobra e assim sucessivamente. Somente o primeiro jogador (a cabeça da serpente) pode pegar outras pessoas. Os outros jogadores do corpo podem ajudar não permitindo que os adversários passem, pois estes não podem passar pelo corpo da serpente. O último que não foi pego vence." (Cunha, 2016, p. 57).

Também realizamos a brincadeira "saltando feijão" da Nigéria. Segundo Cunha (2016, p. 54) originalmente esta brincadeira é descrita utilizando um saco de feijão amarrado ao final de uma corda, o que explica o nome do jogo. Mas atendendo ao grupo em questão optou-se por associar essa brincadeira ao popular "reloginho", utilizando, então, somente corda, sem o saco de feijão amarrado no seu fim. Realizamos a brincadeira formando um grande círculo, enquanto a professora residente estava ao centro com a corda. A corda foi balançada próxima ao chão, e os alunos deveriam saltá-la, evitando serem atingidos. O jogo acabou quando o último jogador foi atingido pela corda. A brincadeira causou uma empolgação geral da turma, motivados pelo desafio de saltar.

Ao longo desse processo, considerando o nível de ensino da turma, que está em período de alfabetização, também foi trabalhada a contação de uma história, utilizando como recurso o vídeo "A África de Dona Biá", disponível na plataforma *YouTube*. Essa aula surpreendeu positivamente, principalmente pela atenção e curiosidade de todos com a história contada. Uma roda de conversa deu continuidade à aula, trazendo à tona as opiniões e as reflexões dos alunos quanto ao que viram e ouviram. O tema do preconceito emergiu novamente, com alguns alunos considerando a personagem "Dona Biá" como uma mulher feia. Mas por que a "Dona Biá" era feia? Neste momento, uma intervenção dialogada elucidou aos alunos que as características físicas de uma pessoa devem ser respeitadas, e que devemos repensar nossas opiniões e dizeres, pois vivemos em uma sociedade que ainda perpetua e reproduz pensamentos que inferiorizam pessoas negras. Essa aula não se encerrou ali, motivados pela primeira conversa, foi planejada uma discussão mais aprofundada para aula seguinte. Com o intuito de trabalhar o respeito à diversidade, também foi realizada uma caça ao tesouro com elementos da história de "Dona Biá", incluindo personagens como a "Rainha Nzinga" e aspectos como a extração de diamantes. O percurso incluiu coroas para um rei e uma rainha, um colar para discutir a extração de diamantes e ouro, culminando em um "tesouro" representado por uma caixa de Bis. Durante o percurso, exploramos curiosidades sobre a África, discutindo a matéria-prima do chocolate e destacando que o continente é um dos maiores produtores de cacau, com ênfase em Gana e Costa do Marfim.

Na aula seguinte, o vídeo "A África e suas influências no Brasil", foi propulsor da discussão sobre escravidão, cor, cultura e diversidade. Abordamos, mais uma vez, temas como preconceitos, racismo e bullying, retomando as atitudes em relação a “Dona Biá”. Realizamos uma brincadeira africana, originária da Nigéria chamada “Meu Querido Bebê” que consistiu em desenhar o formato do colega no chão enquanto alguém se escondia. A prática dessa brincadeira também se constituiu em:

“Um jogador é escolhido e sai. Os outros escolhem outro jogador para ser o 'bebê'. O 'Bebê' deita no chão e os outros jogadores desenharam o seu contorno. O 'Bebê' se junta aos outros jogadores. O jogador que saiu volta e tenta determinar quem é o "bebê", baseado no contorno desenhado. Se acertar pontua e continua em uma nova rodada. Caso contrário outro assumirá o seu lugar. Ganha quem conseguir mais pontos.” (Cunha, 2016, p. 34)

O objetivo era destacar a diversidade de corpos, cores, entre outros, resultando em mais uma atividade bem-sucedida. Ainda corroborando com (Cunha, 2016, p. 34) a interação proporcionada pela brincadeira perpassou a diversidade de traços físicos e raciais das crianças, enfatizando que são formas físicas diferentes, mas que todas possuem sua beleza.

Coincidindo com o Dia da Consciência Negra, compartilhamos o vídeo "Por que existe o Dia da Consciência Negra? Explicação simples para crianças", disponível na plataforma do *YouTube*, e promovemos uma discussão sobre o tema. Retomamos conceitos anteriores relacionados a preconceito, escravidão, entre outros. Realizamos a primeira avaliação, a construção de um jogo da memória com elementos estudados até aquele momento. Cada aluno criou seu próprio par de cartas para o jogo da memória, explorando sua criatividade. Entre os elementos presentes estavam, a capoeira, a brincadeira “Terra-Mar”, entre outros.

Nesse processo pedagógico, convidamos Sarah Eko, aluna intercambista da UFSJ, advinda do Gabão, país situado na África Central, para uma visita e palestra na escola. Os alunos estavam entusiasmados para mostrar o jogo da memória e compartilhar seus aprendizados com ela. Durante a palestra, realizada em conjunto com professores de outras áreas de conhecimento da escola, os alunos interagiram, tiraram dúvidas e pediram para aprender palavras na língua natal da convidada, que é o francês, revelando um encantamento admirável. Um dos alunos pediu que Sarah os ensinasse como falar “Não ao racismo” em francês e todos tentaram falar em uma só voz, “*Non au racisme*”. Tal momento foi emocionante e finalizou-se com uma grande salva de palmas. Diversas turmas participaram, resultando em uma experiência gratificante e enriquecedora. Além disso, destacamos a significativa contribuição proporcionada pela presença de uma palestrante africana na escola, bem como os notáveis avanços observados na interação com a turma durante essa intervenção específica.

Ao longo da intervenção pedagógica seguinte, recordamos a palestra e concluímos o jogo da memória. Foi promovida uma competição entre dois grupos para estimular o envolvimento,

resultando em diversão total. Ao final, foi proposta uma brincadeira que Sarah Eko costumava praticar na infância, semelhante à adoleta, mas com letras do alfabeto em que na letra "Z", não era permitido ser atingido na mão, e quem fosse atingido deveria sair da roda. Os alunos associaram a brincadeira e a outro jogo que envolvia bater forte na mão sem dizer "ai".

Nesse processo, depois dessa longa viagem pelo continente africano, consideramos importante explorar as influências da cultura africana no Brasil, por meio da aprendizagem dos conteúdos e práticas corporais afro-brasileiras. Iniciamos o ensino da Capoeira, por meio de brincadeiras e dos jogos de oposição que a cada aula ensinavam um movimento dessa prática para os alunos. Focamos em apresentar a história e ensinar movimentos básicos, como a ginga, a cocorinha e a meia lua. Realizamos uma brincadeira de pique-pegas, onde quem fosse pego faria cocorinha e quem fosse libertar faria meia lua. Em seguida, introduzimos uma brincadeira competitiva com duas filas verticais, coletes no meio e movimentos de ginga. Para a realização dessa brincadeira, foi escolhida uma música, que orientava e ritmava o movimento da ginga, toda vez que a música parava os alunos tentavam pegar o colete. A ideia não era tirar da fila, mas aproveitar os movimentos. A aula foi repleta de diversão, e encerrada com músicas de capoeira enquanto eles formavam círculos e duplas no meio do espaço, nesse momento, percebemos demonstrações de cuidado mútuo entre os alunos.

Na última aula desse ciclo, preparamos um slide com fotos registradas ao longo das aulas, lembrando as diversas brincadeiras e aprendizados compartilhados. Nesse momento, conduzimos uma avaliação final, que consistiu na elaboração de desenhos individuais sobre o que aprenderam e o que mais gostaram durante o período. Fornecemos folhas, giz, lápis e tintas para estimular a expressão criativa dos alunos. A resposta foi surpreendente, com uma grande variedade de desenhos abrangendo diferentes atividades desenvolvidas nas aulas. Como parte da despedida, agradecemos a participação de cada um, recebemos vários abraços calorosos e até pedidos para permanecer por mais tempo, o que gerou momentos descontraídos e divertidos. A despedida, por sua natureza emotiva, sempre se destaca como a parte mais desafiadora, refletindo o impacto positivo do período de interação e aprendizado.

2.2. A proposta metodológica “As relações étnico-raciais e os Esportes: dialogando com o atletismo”

Anterior ao processo coletivo da construção de temáticas sobre o mês da Consciência Negra, desigualdade, racismo e violências nos esportes já estavam em pauta nas intervenções do nono ano integral. Acreditamos que o relato anterior à chegada aos temas que transversalizaram o mês da Consciência Negra, nessa turma trabalhada com os “Jogos de tabuleiro africanos”, as dimensões sociais do racismo e esporte foram aprofundadas e pautadas pelo atletismo. A proposta foi

desenvolvida numa turma com onze alunos matriculados, onde dificilmente nem todos estavam presentes em uma mesma sessão de aula. Além do reduzido número de discentes, destoante das turmas compostas por trinta e cinco alunos, aproximadamente, do restante da escola, havia um notável desinteresse dos mesmos pelo processo de ensino anteriormente destacado pela professora preceptora e percebido por todo o grupo de residentes.

Algumas teorias surgiram ou já haviam sido discutidas e repassadas pela preceptora: o avanço da idade acontece também a aproximação ou vivência da realidade de trabalho para sustento próprio e da família; o baixo número de alunos como fator de desânimo; a desesperança com o sistema de ensino devido aos professores que ainda utilizam métodos tradicionais; problemas de aprendizagem na formação inicial e necessidade de cuidar de irmãos em casa quando os pais saíam para trabalhar. Essas são apenas algumas das hipóteses que ocasionam o desinteresse visível, muitas vezes explicitadas pelos alunos em diálogos em sala naquela comunidade.

Por esses motivos, optou-se pelo uso da abordagem Crítico-Emancipatória de Elenor Kunz (1994), levando em consideração a construção de um ambiente reflexivo que possibilitasse a ampliação dos conhecimentos do mundo, de forma a permitir que os alunos possam lutar por seus direitos e de seus iguais. “[...] anunciar e estimular mudanças reais e concretas, tanto na concepção de ensino, de conteúdo e de método, como nas suas condições de possibilidade, na prática pedagógica” (Kunz, 1994, p. 6).

Em um primeiro momento, considerando as questões raciais e de desigualdade econômica flutuantes no contexto trabalhado, pensou-se em utilizar o tema do racismo nos esportes de marca, mais especificamente o atletismo nas olimpíadas de 1936 em Berlim. Partir do esporte de rendimento como referência para o conhecimento dessa modalidade esportiva poderá ser útil, desde que não se cometa o equívoco de fazer das crianças e jovens, atletas adultos do esporte de rendimento. (Matthiesen, 2014, p. 24).

Adentrando em um conteúdo histórico da Educação Física, em 1936 um atleta estadunidense, James Cleveland Owens, mais conhecido como Jesse Owens, realizou um feito histórico, alcançando a incrível marca de quatro medalhas de ouro, nos 100m e 200m rasos, revezamento 4x100m e no salto à distância, atingindo recordes mundiais, contrapondo e escancarando o racismo norte-americano e alemão. Trabalhou-se através da lente do filme “Raça” de 2016, que retrata elementos da vida de Owens, sua entrada na universidade e árduo trajeto até as Olimpíadas de 1936, cercado por racismo e desigualdade, além de problemas com lesões, relacionamentos familiares, amorosos e tentativas de boicote à sua participação nos jogos. “As ocorrências similares vividas pelo atleta ganharam e ganham corpo nos dias de hoje, legitimando a importância em ampliar os debates e o enfrentamento do racismo no esporte [...]” (Santos, 2021, p. 2).

Em um primeiro momento foram apresentadas as modalidades do atletismo através de um episódio do personagem Pateta da companhia *Disney*, que retrata as modalidades de arremesso e lançamentos, as corridas e os saltos. Na mesma aula foi exibido o trecho do filme “Escritores da liberdade” onde a professora preceptora dispôs uma fita de uma parede a outra na sala e pede para que os alunos se aproximem ou afastem da fita se passaram por situações de desigualdade, racismo e violências que tenham sido apontadas. Ao fim da dinâmica, a docente distribuiu cadernos para todos, para que pudessem escrever seus sentimentos e, se quisessem, ela leria para conhecê-los melhor. De modo semelhante, para os alunos do nono ano integral foram distribuídos blocos de nota para que pudessem usar como diário, também com a função de receber anotações após as aulas.

Na aula seguinte, os alunos desceram para a quadra poliesportiva, onde realizou-se uma roda da conversa para discutir a atividade, que consistia em uma corrida de revezamento, onde uma pessoa de um lado da quadra receberia uma informação para repassar ao seu companheiro de equipe quando chegasse ao outro lado, correndo o mais rápido possível. Quando chegasse do lado de seu colega, deveria contar a informação passada pelo professor, que poderia ser uma instrução de correr com um pé só, correr de três apoios ou correr livremente. O objetivo era suscitar nos alunos discussões sobre a injustiça presenciada, de que algo ou alguém estava sabotando o seu desempenho na corrida.

Devido ao maior número de aulas com essa turma por ser integral, optou-se por uma estratégia de maior aprofundamento nos temas, sem sobrecarregá-los com informações, mas promovendo seu aprendizado também por meio da construção do processo. Na segunda semana, os alunos realizaram uma pesquisa no laboratório de informática da escola acerca dos atletas brasileiros nas modalidades do atletismo, cujo objetivo foi discutir as questões dificultadoras da prática das modalidades no contexto atual do país. Tiveram a oportunidade de experimentar os diversos saltos com alguns materiais próprios, como tatames e sarrafos feitos com materiais de iniciação esportiva.

A segunda produção audiovisual tratou das questões-problema que envolvem a prática do atletismo na ausência de materiais, em locais sem proteção do sol, com vestes e calçados desconfortáveis (por vezes a ausência dos calçados), desigualdade de oportunidades de espaço e tempo para a vivência (em função do trabalho para sustento da família). “Em tese, a prática esportiva é para ser uma atividade realizada num ambiente saudável e agregador, objetivando a promoção do lazer e qualidade de vida”, embora esta não seja uma realidade no Brasil (Santos, 2021, p. 8). Esta produção ocorreu desta vez em formato de telejornal, escolhido pelos próprios alunos e contou com apresentadores, repórter, entrevistada e operadores de câmera.

Dando sequência aos debates acerca da precarização do atletismo nos espaços públicos, as primeiras aulas da terceira semana consistiram na produção dos materiais do arremesso e dos lançamentos, especificamente o peso e o disco. Utilizando pedras e areia encontradas no espaço da

escola e da universidade, além de folhas de papelão, jornais, fitas adesivas e balões. Os alunos confeccionaram os materiais, passando pelas dificuldades de produção dos implementos e colocaram em prática as modalidades visualizadas no processo.

Para finalizar a semana, foi realizada a edição dos vídeos e áudios produzidos nas primeiras semanas. Utilizando o laboratório de informática para tal, o programa “Canva”, que apresenta recursos gratuitos, de fácil aprendizado e manuseio. Apesar das expectativas serem altas para a efetivação desta aula, os alunos demonstraram desânimo com o uso da ferramenta, que utilizada de forma coletiva gerou diversos problemas de sobreposição, exclusão e desentendimento entre eles. Ao abordar as tecnologias da informação, se torna necessário experimentar por um período maior os recursos, de forma a ambientá-los ao processo de edição e à construção coletiva do material.

Na semana final, como forma de incorporar os debates do filme “Raça”, o contexto pré-guerra e o atletismo, fomos para o laboratório de ciências, onde foi projetado trechos do filme que mostram situações de racismo, desigualdade de tratamento e superação dos obstáculos pelo atleta Jesse Owens nas olimpíadas de 1936. “Infelizmente, o racismo tem influência em várias áreas da sociedade, acompanhando, por conseguinte, o desenvolvimento e a evolução do esporte.” (Santos, 2021, p. 7)

Foi requisitado que os alunos fizessem registros em seus blocos de notas para que pudessem trazer argumentos para um júri simulado: de um lado estavam os defensores da ideia de que o ditador Adolf Hitler se ausentou da entrega das medalhas de Owens em função de situações adversas e do outro, dos defensores de que Owens não foi premiado pela cor de sua pele, reforçando a ideia de que Hitler já disseminava uma “limpeza racial” na Alemanha.

O júri simulado ocorreu no auditório da escola, que conta com um palanque, possibilitando diálogo sobre espaços públicos, que deveriam ser ocupados por eles. Um residente e a professora preceptora atuaram como mediadores e consultora dos defensores e dos atacantes da mesa. Os alunos foram sorteados entre as duas bancadas levando em consideração a seriedade do tema e a possibilidade de argumentação em não desejar representar um indivíduo que posteriormente às olimpíadas se tornaria um genocida. Foi realizada uma breve conversa acerca do júri simulado enquanto mecanismo de aprendizado, no qual as opiniões e argumentos não representavam as opiniões pessoais dos participantes.

Esta foi a aula com o maior número de interações entre os alunos com o tema, incentivados pelo interesse no debate, na resolução de conflitos políticos e sociais. A partir das exposições de ideias, embasados pelo processo das aulas e utilizando também de fatores extraclasse para o favorecimento da discussão foi possível refletir de forma crítica sobre esporte e racismo.

Devemos pressupor que a educação é sempre um processo onde se desenvolvem “ações comunicativas”. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino de ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de

uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (Kunz, 1994, p. 31)

Algo que parecia distante se aproximou a partir da discussão do recorte de um filme, da intervenção ativa nas conversas acerca do racismo, da desigualdade de oportunidades e dos anseios do coletivo com relação à construção e manutenção de espaços e materiais esportivos diversos. Na discussão, argumentos como o racismo e xenofobia de Hitler foram apontados: do lado da defesa fizeram de tudo para mascarar os acontecimentos da época, como as perseguições que já aconteciam. Por fim, o veredito final foi concedido, dando vitória para a bancada de ataque, tendo em vista as incoerências do discurso da defesa (não dos alunos em organizar as ideias e expor seus argumentos, mas da ideologia nazista).

Ao longo dessas intervenções perpassaram diversas questões acerca da atuação docente com adolescentes, dentre elas: o anseio por um processo de ensino que estimulasse o pensamento crítico quando colocados em um ambiente de debate; o estímulo aqueles alunos que pouco participavam oralmente das discussões anteriores e que se dispuseram a falar; a necessidade de pensar um planejamento com um foco delimitado, em sincronia com o trabalho dos conteúdos para que o processo de aprendizagem fosse realizado efetivamente; abarcar discussões contemporâneas, que estivessem inseridas na vida dos alunos cotidianamente, de forma que, independentemente dos objetivos e caminhos de cada um, pudessem se transformar em conhecimento.

2.3. A proposta metodológica dos “Jogos de tabuleiro africanos”

A partir da proposta da escola de pensar coletivamente as intervenções sobre o mês da Consciência Negra, optou-se, na turma do nono ano do Ensino Fundamental, por trazer os jogos de tabuleiro africanos que retratassem aspectos cotidianos dos povos originários e que fossem diferentes dos jogos já conhecidos no Brasil. A proposta era mostrar que muitos jogos conhecidos são advindos ou possuem outras versões suas manifestações africanas.

Os jogos escolhidos foram: *gebetã*, *yoté* e *shishima*, respectivamente da Etiópia, do Senegal e do Quênia. Todos estes jogos representam algum aspecto tradicional de cada povo ou de uma observação de algo natural: pulgas d'água nas lagoas, semeadura e o respeito aos indivíduos mais velhos de uma comunidade.

“Yoté é um jogo de estratégia, popular em toda a região oeste da África, jogado em um tabuleiro com vinte e quatro peças de duas cores diferentes (doze de cada cor). Na África Ocidental, as crianças cavavam buracos na areia e usavam pedacinhos de madeira para jogar. O objetivo do jogo é capturar ou bloquear todas as peças do adversário.” (Brauner *et al.*, 2019, p. 7)

Levando em consideração a importância de contextualizar o que se pretendia alcançar ao final das aulas em termos de conteúdo histórico, social e cultural, foram apresentados slides com fotografias e gravuras, além de vídeos retratando a formação do continente africano, desde os tempos mais remotos da humanidade. Nessas imagens, questões como a divisão de países atualmente, os aspectos culturais, estéticos e raciais, como a multiplicidade de cores e religiosidades presentes neste território tão vasto estiveram em diálogo.

Em cada aula, os alunos identificavam países em um globo terrestre próprio da escola, associando os mesmos aos jogos e seus significados. Cada semana de aula compreendeu a confecção de cada jogo e a prática deste na aula. Através destes momentos, oportunizou-se a montagem de um portfólio, que representaria as aulas vivenciadas pelos alunos, com fotos, relatos e o contexto do processo. Esse portfólio teve o objetivo de reforçar a importância de reconhecer as origens do povo brasileiro, (sem desconsiderar os povos que já residiam no país), as culturas atuais e suas práticas cotidianas.

Além da montagem do portfólio, uma das residentes convidou uma intercambista do Gabão, país da África Central, para palestrar para todas as turmas regidas pelos participantes do Programa Residência Pedagógica, trazendo experiências em seu país, costumes, visão de mundo e percepções da cultura brasileira. A palestrante expôs seus olhares e opiniões também sobre o processo de intercâmbio, investimentos necessários para tal e a importância para sua formação humana, trazendo para os alunos um panorama muito ampliado das oportunidades que a educação promove para o indivíduo e o coletivo.

Posteriormente à palestra, o portfólio foi colado na parede, junto de muitos outros, permitindo que os alunos pudessem visualizar os frutos do seu trabalho coletivo. Após este momento, a turma foi levada para o laboratório de ciências, onde foram projetados dois vídeos: o primeiro retratando histórias de personalidades negras importantes na luta contra o racismo, dentre mulheres e homens, brasileiros, estadunidenses, do continente africano, entre outros.

Esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade. (Gomes, 2002, p. 42)

A história ilustrada em vídeo do período pós-abolicionista no Brasil e suas consequências na sociedade atual, em termos econômicos e sociais foram impactantes no debate. A discussão nesta aula foi mais extensa, permitindo uma reflexão acerca daquilo que foi trabalhado e ouvido na palestra, frente aos vídeos apresentados.

Nas próximas aulas, foi lançado o desafio da criação de um poema, poesia ou música que retratasse situações e contextos que tivessem como objetivo o enfrentamento ou a crítica a situação

do racismo no Brasil. Para auxiliar no processo, os alunos escreveram diversas palavras que representassem elementos presentes no decorrer das aulas, de forma a facilitar a escrita. Por fim, realizamos uma autoavaliação geral, levando em consideração os dois momentos de intervenção do residente, onde cada aluno deveria escrever os aspectos que mais lhe interessou, o que conheceu no processo, o que sentiu que poderia ter sido diferente, além de sugestões de materiais midiáticos ou de qualquer outro caráter que desejassem que os residentes acessassem para conhecer outras formas de ver o mundo, através de seus gostos pessoais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção das propostas de aulas demandou diversas reuniões entre residentes, preceptoras e orientadora. Ao longo de cada intervenção pedagógica foi possível observar a complexificação dos conteúdos no processo de formação pedagógica. Os desafios de estar diálogo com uma mesma temática, desafiadora e contemporânea possibilitou trocas entre os residentes e com professores de outras áreas de atuação da escola.

Os métodos de avaliação foram diversos: realização de rodas de conversa no início e final, desenhos, poemas, blocos de anotações, portfólios. Foi possível adaptar e utilizar o mesmo método de avaliação em diferentes etapas de ensino, ajustando-o de acordo com a faixa etária dos alunos.

A escola, bem estruturada, proporcionou um ambiente propício para a exploração dessas atividades. Os "Jogos e Brincadeiras de Matriz Africana", "As relações étnico-raciais e os Esportes" e os "Jogos de tabuleiro africanos", representaram um desafio significativo, mas ao mesmo tempo enriquecedor na exploração dos aspectos culturais, do estímulo a diversidade e reflexão sobre questões como preconceito, racismo e *bullying*. A presença de uma palestrante africana, a troca de experiências e a construção coletiva sobre as pautas que envolvem as reflexões sobre a Consciência Negra, reforçaram a relevância do tema.

A vivência no Programa de Residência Pedagógica proporcionou uma trajetória de extrema relevância para a formação docente dos residentes, representando um percurso de aprendizado e crescimento profissional. A proposta inicial do PRP da Educação Física da UFSJ de transitar entre três escolas para englobar desde os anos iniciais até o ensino médio sofreu ajustes devido a imprevistos, resultando em intervenções em duas instituições educacionais distintas.

A Escola Estadual Professor Iago Pimentel, em São João del-Rei, trouxe a oportunidade de trabalhar com alunos do Ensino Fundamental proporcionando valiosos aprendizados, desde a elaboração de planos de aula até a adaptação diante de desafios inesperados. A avaliação positiva dos alunos, evidenciada nas atividades e na participação entusiasmada, reflete a eficácia das práticas pedagógicas adotadas. Ao longo desse percurso, a superação de desafios e a construção de relações

positivas contribuíram para o amadurecimento dos residentes enquanto docentes em formação. O Programa Residência Pedagógica não apenas consolidou teorias aprendidas na universidade, mas também proporcionou uma vivência prática enriquecedora, preparando os residentes para os desafios futuros na carreira docente.

Percebe-se assim a importância da participação em atividades de observação, planejamento e intervenção dos discentes de Licenciatura em Educação Física, devidamente orientadas pelas professoras preceptora e orientadora participativas e incentivadoras do processo de ensino-aprendizagem. A escolha de temas que nos atravessam socialmente como racismo, violência e ancestralidade, dialogaram com as temáticas cotidianas da escola em seus atravessamentos com a universidade. A colaboração entre os integrantes do PRP, nesse constante ciclo de quebra de obstáculos, erros, acertos, descoberta de novos caminhos e, principalmente, a construção coletiva dos conhecimentos, foi parte fundamental da formação do ser professor.

Não menos importante é dizer da importância dos estudos em Educação e suas ramificações, como a história, a geografia, a filosofia e as artes, que trazem para este relatório um caráter social e cultural intrínseco ao processo educativo, que passa por dentro e por fora dos muros da escola, sem, no entanto, perder o rigor científico e ético da ação professoral.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda comunidade escolar da Escola Estadual Professor Iago Pimentel pela acolhida e receptividade ao longo do Edital do Programa Residência Pedagógica (Edital 2022-2024) realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação. 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.988, de 27 de julho de 2009**. “Cria a Semana de Educação para a Vida, nas escolas públicas de ensino fundamental e médio de todo o País, e dá outras providências.”. Diário Oficial da União, Brasília, 27 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 29 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011**. Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Diário Oficial da União, Brasília, de 11 de novembro 2011. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=7&data=11/11/2011>. Acesso em: 29 mai. 2024.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto cooperação, 2001. 180p.

- BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 218p.
- BROWN, G. **Jogos cooperativos: teoria e prática**. São Leopoldo: Sinodal, 1994. 105p.
- CUNHA, D. A. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal: Edição do autor, 2016. 118p.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 2011. 244p.
- GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38 – 47, 2002.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. 152p.
- LUCKESI, C. C. **O que é mesmo o lúdico?** Petrópolis: Vozes, 2002. 25p.
- MATTHIESEN, S.Q. **Atletismo na escola**. Maringá: Eduem, 2014.
- MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. 2024.
- SANTOS, C. C. L. G. Esporte, racismo e nazismo: Uma análise do filme Raça (2016) através das lentes dos direitos humanos. **Revista Direito no Cinema**, v. 4, p. 1-10, 2021.
- SOLER, R. **Jogos Cooperativos Para a Educação Infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003. 224p.
- _____. **Educação física: do jogo à ginástica**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 189p.
- _____. **Alfabetização Cooperativa**. Rio de Janeiro: Sprint, 2008. 160p.